

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
REALIZADOR CONVIDADO: A. ARRIETA
3 de maio de 2022

ZÉRO DE CONDUITE / 1933

(Zero em Comportamento)

um filme de Jean Vigo

Argumento e Montagem: Jean Vigo / **Direção de Fotografia:** Boris Kaufman / **Música:** Maurice Jaubert / **Canções:** Charles Goldblatt / **Interpretação:** Jean Dasté (Huguet), Louis Lefebvre (Caussat), Gilbert Pruchon (Colin), Coco Goldstsin (Brue), Gerard de Bedarieux (Tabard), Robert de Flon, Delphin Blanchard, Leon Larive, Henri Storck (o padre).

Produção: Gaumont / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, versão original legendada em português, 45 minutos / **Estreia Mundial** (após 13 anos de proibição pela censura): Paris, 15 de Janeiro de 1946 / **Estreia em Portugal:** Lisboa (cinema Estúdio), 23 de Fevereiro de 1973.

Zéro de Conduite é apresentado com **Tam-Tam**, de A. Arrieta ("folha" distribuída em separado).

Com a presença de A. Arrieta

O argumento de **Zéro de Conduite**, média metragem que foi a primeira incursão na ficção de Jean Vigo, foi escrito numa semana e provisoriamente chamado **Cancres** [maus alunos]. Embora haja nele a influência do romance de Alain Fournier "Le Grand Meaulnes", o argumento inspira-se fundamentalmente nas próprias memórias de infâncias do realizador, também passada em internatos severos, dando Vigo aos seus heróis os nomes de velho colegas de infância, Caussat, Brue, Colin. Com amigos, também, conta Vigo para a sua realização, tanto em técnicos: Stock, Kaufman, Jaubert e Goldblatt (música e canções), como em actores e figurantes: Dasté, Storck (é o padre), os pintores Raphael Diligent e Felix Labisse (bombeiro). A realização foi acidentada com atrasos provocados pela doença de Vigo, conflitos com a administração dos estúdios (Vigo terminou as filmagens nos últimos segundos do último dia de prazo). Os exteriores serão depois filmados no colégio de Saint-Claude que o próprio Vigo frequentou, tendo a primeira projecção tido lugar a 7 de Abril de 1933 com reacções pouco calorosas. Para cúmulo a censura entra no jogo proibindo integralmente a sua exibição. O filme, de cerca de 45 minutos destinava-se especialmente a complemento de programas e deveria estreiar-se com **La Maternelle** de Jean Benoit-Levy, o que não aconteceu devido à proibição. Em França, e à excepção de sessões de carácter privado, como nos

Cineclubes, o filme só será autorizado em Novembro de 1945, acabando por se estrear em Janeiro do ano seguinte.

O que predomina em **Zéro de Conduite** e é a atmosfera simultaneamente realista e onírica do mundo da infância. Realista porque os seus heróis têm carne e sangue, são irreverentes, malcriados, amigos e cúmplices de partidas e de vícios, como toda a criança o é. Mas este olhar é filtrado pela poesia que transfigura imagens (a famosa e inesquecível sequência da batalha dos travesseiros com as penas flutuando por toda a sala, em câmara lenta, como peixes em imagens submarinas). O elemento aquático que predomina em toda a obra de Vigo, marca desta forma, transfigurado, a sua intrusão em **Zéro de Conduite** e as pessoas, especialmente aquelas que surgem como os primeiros símbolos de poder para jovens internos: os vigilantes, professores e o director. Todas as personagens são transformadas pelo olhar dos jovens: a instância máxima do poder (o director) é um anão, e há professores particularmente viciosos que trazem no corpo as características. Por outro lado, os próprios cúmplices e amigos transformam-se também, diante do seu olhar, em imagens de figuras amadas: o professor que imita Charlot.

Todo esse universo em que o mundo e as pessoas nos são dadas através do olhar dos jovens heróis, surge assim transfigurado e só quem esqueceu o seu olhar de criança pode ficar indiferente a essas imagens. No cinema, um olhar semelhante só se encontra em **Aniki-Bóbo**, de Manoel de Oliveira, cineasta cuja afinidades com Jean Vigo são sugestivas.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico